

“Educação” movimenta Seminário

O Seminário “Brasília Anos 80”, uma promoção do GDF, UnB e **Correio Braziliense**, teve continuidade na manhã de ontem, com o tema “Brasília: Uma Visão Educacional e Cultural”. Com o auditório do Cine Brasília, lotado, falaram a Secretária de Educação e Cultura do Distrito Federal, Eurides Brito; Clélia de Freitas Capanema, assessora especial da SEC; e o diretor executivo da Fundação Cultural, Carlos Mathias; e o reitor da Universidade de Brasília, José Carlos Azevedo.

A professora e assessora especial da Secretaria de Educação e Cultura, Clélia Capanema, pioneira em Brasília, iniciou sua exposição afirmando que não há como negar que uma vocação educativa marcou a cidade desde o seu início. “Depõe a favor dos construtores da Capital o fato de que, já nos idos de 1956, fosse criado, na Novacap, o Departamento de Educação e Difusão Cultural, e que, já em 1957, comessem os canteiros de obras a ser dotados de escolas. Antes da inauguração de Brasília, no final de 1959, ainda sob os auspícios da Novacap, 4.682 crianças e mais de 100 professores primários se distribuíram por 21 escolas”.

Clélia Capanema falou também da concepção do plano educacional de Brasília elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Segundo Clélia, o plano, idealizado por Anísio Teixeira, denunciava as deficiências da educação brasileira no seu caráter eletista, ornamental e livresco, de um lado, e improdutivo nas suas tentativas de se tornar prático, real e efetivo, de outro. “Transparece nele a esperança de que, na cidade que nascia, poder-se-ia redirecionar a educação, para responder com eficácia e eficiência às exigências da revolução tecnológica e da urbanização, que, no Brasil, já tinham começado a mudar estilos de vida, formas de trabalho e níveis de aspiração do povo”.

PRIMEIRA DÉCADA

Dois características, segundo Clélia Capanema, marcaram a primeira década da educação no DF: o advento da Lei 4.024/61 e a explosão da matrícula em todas as escolas oficiais, fruto do crescimento demográfico. “A Lei das Diretrizes e Bases, se não alterou a filosofia educacional contida no plano original, diríamos, mesmo que, antes, a retificou, trouxe modificações organizacionais sensíveis que fizeram com que o ano de 1962 fosse permeado de perplexidades para os planejadores e clientes do sistema, assim como para a comunidade. A variedade de currículos propiciada pela nova legislação, ainda que festejada pelos educadores, onerou o sistema com outra fase de implantação de estilos e procedimentos novos”.

Outro fator importante, na primeira década de educação na cidade foi o crescimento das matrículas. Em 1960, havia no ensino primário cinco mil alunos e esse número de matrículas foi aumentado para 62.179. No ensino médio, em 1960, o número de matrículas foi de 665 e no ano de 1969, de 35.989. “Não é difícil admitir, na primeira década do sistema educacional do Distrito Federal, males, cujas causas estão no crescimento acelerado, impeditivo de prospecções e planejamento realístico. Dois terços do aumento de matrículas foram decorrentes do crescimento migratório. Note-se que, nesta época, o país estava às portas de nova reforma do ensino primário e médio, já anunciada e a caminho do Congresso Nacional”.

SEGUNDA DÉCADA

A escolaridade obrigatória foi estendida de quatro para oito anos, acoplando os antigos ensinamentos primários e ginasial, para formar o ensino de primeiro grau, com a responsabilidade de introduzir os alunos das últimas séries às práticas de trabalho. “Não é ocioso notar que a implantação desse novo regime implicou em maiores custos, reformulando os currículos, adaptando prédios e equipamentos e, sobretudo, em novas exigências na formação e treinamento de professores e especialistas em educação”.

Segundo Clélia Capanema, o esforço de recuperação do déficit revelado no início da década fez diminuir a pressão sobre o sistema, mas a taxa de expansão de matrícula, no Distrito Federal, continua a ser, no limiar de 80, a mais alta do país. Em 1970, a Rede Oficial do DF tinha 134.034 alunos matriculados e, em 1979, esse número chegou a

284.510. Na rede particular de ensino, no ano de 1970, o número de alunos foi de 23.765 e, em 1979, de 57.736.

A assessora especial da SEC falou também das áreas físicas e de seus custos para o governo. “Os que convivem com a administração educacional sabem que, para que a rede física possa cumprir suas finalidades, há de estar dotada de espaços educativos especiais, como bibliotecas, auditórios, e praças de esportes, além de ampla variedade de dependências com finalidade específica, como laboratórios, oficinas, salas-ambiente etc. A área construída das escolas oficiais, abrange, aproximadamente, 745 mil metros quadrados. O seu valor estimado é de Cr\$ 4,5 bilhões - a preços de 1979. Os equipamentos colocados nas escolas têm o valor aproximado de Cr\$ 535 milhões. A magnitude desses valores permite equilibrar o esforço empreendido na construção, equipamento, expansão e manutenção do parque escolar para o ensino de 1º e 2º graus”.

Segundo Clélia Capanema, vencida a fase mais aguda de crescimento acelerado, o Distrito Federal entra os anos de 80 amadurecido e mais liberado para tratar com prioridade a melhoria qualitativa dos serviços que presta à comunidade. “Registre-se que o estágio atual é o somatório dos esforços das administrações passadas, a quem se devem creditar iniciativas válidas de planos e programas, objetivando não só a expansão da rede como maior produtividade do ensino e relevância dos currículos.

VISÃO CULTURAL

O diretor executivo da Fundação Cultural, Carlos Mathias, durante sua palestra no Seminário “Brasília Anos 80”, afirmou que, a rigor, Brasília, nesses primeiros 20 anos, ainda continua sendo mais centro consumidor que produtor, “todavia, já se podem mostrar produtos, em certas áreas, de verdadeiro centro elaborador”.

Carlos Mathias disse que, nos primeiros dias, Brasília importava tudo e, obviamente, também a cultura. “A carência de determinados suportes acarretava, necessariamente, a falta de uma vida cultural, com uma certa autonomia. Foram, então, criados a Universidade de Brasília, o Centro de Ensino Médio Elefante Branco e a Aliança Francesa. Logo depois, viria a Fundação Cultural que, sobretudo, só passaria a ter participação mais efetiva, a partir de meados dos anos 60.”

Carlos Mathias diz que a falta de infra-estrutura na cidade fez com que fracassasse o Teatro Permanente de Brasília, criado por Mário Brasini e Terezinha Amayo. “Nada mais efêmero que esse teatro permanente: não passou da peça “Irene”. Outros esforços poderiam ser registrados. O mais expressivo, sem dúvida, é o da atriz Dulcina de Moraes, ao transferir do Rio para Brasília a Fundação Brasileira de Teatro e, com ela, o Distrito Federal terá, a partir deste ano, não só mais um teatro, como uma Faculdade de Artes. Não deve ficar esquecida a participação de grupos formados aqui na cidade, compostos principalmente por jovens que preenchem a programação do Teatro Galpão e a do Galpãozinho. “Outro registro feito por Carlos Mathias é o de que, este ano, deverá ser reaberto o Teatro Nacional, com suas obras completas.

“Carlos Mathias descreveu toda a vida cultural de Brasília, em todos os campos, durante os 20 anos da cidade, e afirmou que agora as atividades serão intensificadas, com preservação dos espaços culturais. Terminou sua conferência citando Lúcio Costa: “Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, capaz de tornar-se, com o tempo, um foco de cultura das mais lúcidas do País.”

No final das palestras, o público fez algumas perguntas aos expositores. Entre essas perguntas, estava a questão do Cine Cultura. Eurides de Brito, secretária de Educação e Cultura, afirmou que, assim que estiver resolvida questão legal da situação, o antigo cinema de Brasília será devolvido ao público. “Nossa maior preocupação é a de preservar e criar maiores opções em termos culturais para a comunidade. O Cine Cultura é uma de nossas metas. Assim que toda a parte legal estiver resolvida a cidade receberá mais um local para a cultura. Com o projeto integrado de educação e cultura teremos diversos programas, inclusive a melhoria das bibliotecas, a oferecer ao brasileiro.”